



Visão

21-04-2011

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 110700

Temática: Cultura

Dimensão: 344

Imagem: S/Cor

Página (s): 22



Luísa Valle

‘A Gulbenkian, felizmente, não tem crise’

Engenheira, ex-chefe de gabinete de um secretário de Estado do Orçamento de Guterres, dirige o Programa de Desenvolvimento Humano da Gulbenkian. É responsável pela campanha agora lançada pela fundação, *Comer bem é mais barato*, orientada pela nutricionista Isabel do Carmo com a DECO. A iniciativa resulta de parcerias com a SIC e a Fundação EDP

POR EMÍLIA CAETANO

Porque se lançou a Gulbenkian no Desenvolvimento Humano?

A Fundação tem quatro missões atribuídas por testamento de Calouste Gulbenkian: caridades, artes, educação e ciência. E o conceito de caridades tem vindo a ser reinterpretado ao longo do tempo. Nos anos 60, destinava-se a apoios individuais: depois passou para subsídios a entidades sem fins lucrativos. Até que, no final dos anos 90, evoluiu para o apoio a projetos-piloto, sempre na área dos públicos frágeis, seja crianças em risco, idosos ou migrantes.

Na ideia de Desenvolvimento Humano cabe o quê?

Os fenómenos que marcam profundamente a sociedade. Começamos pelos idosos. Portugal é a sétima sociedade mais envelhecida do mundo e, no entanto, as cidades foram concebidas numa lógica que não é a dessas pessoas. Basta vermos a forma

como se organizam, desde os transportes às grandes superfícies, que foram instaladas fora do centro. As cidades portuguesas não são amigas dos mais velhos. Havia aí um espaço para a nossa intervenção. O mesmo se aplicava às crianças em risco. Já existiam instituições de apoio a mães adolescentes e à infância, mas poucas juntavam as duas áreas. Procurámos «casá-las», lançando programas como um de educação parental. Outro fenómeno deste século é o das migrações. Há entre nós processos de integração e inclusão, por vezes complexos. Mas pensámos também nos 5 milhões de portugueses da diáspora, que têm um potencial extraordinário. Assim, promovemos um concurso de ideias, para que eles concretizem projetos aqui.

A fundação está a desinvestir na cultura para alargar o seu âmbito? Já largou o ballet...

Não houve qualquer reconversão. Desfez-se

do ballet, porque praticamente não existia oferta nessa área quando ele começou e, entretanto, passou a haver. A fundação não fica a fazer as mesmas coisas toda a vida. Uma das suas vantagens é precisamente a flexibilidade, a capacidade de ir acompanhando as mudanças sociais.

Agora acaba de lançar a campanha alimentar.

Sim, *Comer bem é mais barato*. A saúde estava integrada nas caridades. Depois, passou para o desenvolvimento humano. E a campanha surgiu devido à crise. Iam começar os problemas sociais e tínhamos de agir. Os hábitos alimentares tradicionais eram um saber acumulado que se foi perdendo, devido à falta de tempo das mães. Era preciso ensinar a comer bem gastando menos, juntando informações várias – como comprar, conservar, tratar e reaproveitar os alimentos. Tudo pode sair mais barato do que as pessoas imaginam.

Pode dar um exemplo?

A sopa, um prato muito completo, de raiz árabe, foi sempre incluído na nossa cozinha tradicional. Depois, o hábito foi-se perdendo. Assim como a fruta da época, outro hábito que se largou. Tudo isso vamos ensinar no terreno, para chegarmos próximo das pessoas. Teremos um *roadshow*, com um chef a cozinhar ao vivo e distribuiremos pequenas receitas. Dia 30 de Abril estaremos em Lisboa, e iremos ainda ao Porto, Coimbra, Viana do Castelo, Faro e Santarém. Além disso, temos todos os dias no Facebook um dica sobre alimentação.

Teve de fazer algumas alterações ao programa por causa da crise?

A Gulbenkian, felizmente, não tem crise. Não alterámos programas, mas temos muito mais solicitações. Por isso, temos procurado servir de veículo, articulando muitos recursos – quer humanos quer equipamentos – que andam por aí dispersos. Estamos em época de fazer muito com pouco.

Como conseguiu a Fundação tornar-se essa ilha na crise?

Com uma gestão financeira extraordinária por parte da equipa dirigente. Não tivemos redução de orçamentos. Estou a trabalhar com o mesmo que estava destinado antes. Apostas de gestão inteligentes têm-nos mantido a salvo deste grande trambolhão que deu a sociedade portuguesa. ♥